

## LER LEVANTANDO A CABEÇA: ENTRE A REMEMORAÇÃO E A REMINISCÊNCIA

READING WHILE LIFTING THE HEAD: BETWEEN  
RECOLLECTION AND REMINISCENCE

JOZILAINE DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe a metáfora do “ler levantando a cabeça” (Barthes, 2004) como um modo para compreender a leitura literária como um gesto que interrompe o fluxo da leitura, não por distração, mas em decorrência da ativação da memória. Entendemos que, nesse instante, texto e leitor se enredam em uma experiência relacional, na qual se articulam dois modos de memória: o reconhecimento, ligado à identificação consciente de referências intertextuais, e a reminiscência, que emerge como lampejo involuntário. A partir dessa distinção, propomos que o ato de “ler levantando a cabeça” provoca um deslocamento na leitura capaz de reinscrever sentidos ao entrelaçar o presente de leitura às memórias do leitor.

**Palavras-chave:** memória; rememoração; reminiscência; leitura; literatura.

**Abstract:** This article proposes the metaphor of “reading while lifting the head” (Barthes, 2004) as a way to understand literary reading as a gesture that interrupts the flow of reading, not due to distraction, but as a result of memory activation. We understand that, in this moment, text and reader become entangled in a relational experience, in which two modes of memory are articulated: recollection, linked to the conscious identification of intertextual references, and reminiscence, which emerges as an involuntary flash. Based on this distinction, we propose that the act of “reading while lifting the head” causes a shift in reading capable of reinscribing meanings by intertwining the present moment of reading with the reader’s memories.

**Keywords:** memory; remembrance; reminiscence; reading; literature.

COMO CITAR: OLIVEIRA, Jozilaine de. Ler levantando a cabeça: entre a rememoração e a reminiscência. *Boitata*, Londrina, v. 20, n. 40, p. 1-8, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e53200

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul. Bolsista de doutorado do CNPq. E-mail: jozilaine@estudante.uffs.edu.br; ORCID: 0000-0003-2243-4662.

## INTRODUÇÃO

Entendemos que a leitura vai muito além de decifrar signos. Ela consiste em um encontro que convoca experiências, desperta memórias e faz emergir novos significados. É para refletir sobre essa perspectiva que trazemos para esta discussão a metáfora do “ler levantando a cabeça”, uma expressão de Roland Barthes (2004) que descreve aquele momento em que o leitor pausa a leitura, não por distração, mas por um transbordamento de ideias e associações que emergem durante a leitura do texto. A pergunta que Barthes faz: “Nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (Barthes, 2004, p. 26), sugere uma leitura que ultrapassa o que os olhos podem alcançar, rompendo a superfície do texto e convocando a memória, criando deslocamentos no tempo e na constituição de sentidos.

Entendemos que esse gesto, embora físico, remete a uma forma de ler onde texto e leitor se encontram. É uma leitura em que a memória atua como mediadora, ou, ainda mais, como parte do próprio processo de leitura. Para aprofundar essa proposição, nos apoiamos na proposta de Daniel Link (2002), que entende a leitura como um fenômeno que ocorre na relação entre o objeto (o texto literário) e o sujeito (o leitor), ou seja, nos deslocamentos que acontecem nesse encontro e a partir dele. Assim, “ler levantando a cabeça” pode ser entendido como um movimento em que o leitor se afasta do texto, apenas para reintegrá-lo em sua própria memória de leituras e experiências.

Partimos da compreensão de leitura não como um processo linear, mas sim que acontece através de pausas e desvios. Momentos estes que, enquanto leitores, percebemos que o fluxo da leitura é interrompido momentaneamente. Nesse instante, a memória pode se manifestar de dois modos: pelo reconhecimento, relacionado à identificação de referências intertextuais; e pela reminiscência, que surge de maneira involuntária, trazendo à tona lembranças que surpreendem o leitor.

Nosso objetivo é entender como a memória se entrelaça à construção de sentidos no ato de ler. Queremos investigar de que forma, durante a leitura, o leitor aciona lembranças que costuram passado e presente, transformando o texto literário em um território de encontros entre diferentes tempos. É nesse movimento que novos sentidos surgem, sentidos que não estão apenas no texto, mas que emergem da relação entre a narrativa e a trajetória de quem lê.

### *Ler levantando a cabeça: a memória em funcionamento*

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? (Barthes, 2004, p. 26).

Começamos com a citação de Roland Barthes (2004) porque foi dela que nasceu o impulso inicial, o interesse por esse gesto que, à primeira vista, parece simples: a interrupção no meio da leitura. “Ler levantando a cabeça”, como o autor sugere, é mais do que uma pausa. É o instante em que o leitor é atravessado por lembranças, imagens, ecos antigos. Um jeito de ler em que o texto não se basta em si. Ele reverbera. Se amplia. Esse modo de leitura só acontece quando se forma, ainda que silenciosamente, um vínculo entre quem lê e o que é lido. É nesse fio estendido entre leitor e narrativa que surgem os sobressaltos, os afluxos de ideias aos quais Barthes se refere.

Daniel Link (2002) afirma que a leitura acontece na relação. O autor propõe a seguinte estrutura para compreender a leitura: 1 é o objeto, 2 é o sujeito, e 3 é a relação entre ambos. O que chamamos de leitura, segundo o autor, é a correlação de duas séries de sentido, uma que pertence ao texto e outra que pertence ao leitor. Nas palavras do autor: “o sentido deve liberar-se, pois, da tirania do sujeito (o 2), porém sem que seja considerado por isso uma “propriedade” do objeto (o 1)” (Link, 2002, p. 23).

O modo de entender a leitura proposto por Link rompe com a ideia de que o sentido está pronto no texto, à espera de ser decifrado. Em vez disso, propõe que ele nasce do encontro: do contato entre a materialidade da linguagem e as camadas de memória que o leitor traz consigo.

É nesse ponto de encontro que o gesto de “levantar a cabeça” pode ser compreendido como o instante em que a leitura se converte em experiência. Ao suspender, ainda que brevemente, o ritmo das frases, o leitor devolve o que acabou de ler ao tecido das suas próprias referências. A memória se desloca, convoca fragmentos de outras leituras e lembranças adormecidas. E, nesse intervalo, texto e memória se tocam.

Acreditamos que esse movimento não afasta o leitor do texto, pelo contrário, dá profundidade à leitura. Ler não se limita à cadência das frases, a leitura alcança camadas que nem sempre estavam visíveis. De um lado, o presente do texto. Do outro, a memória do leitor. E quando esses dois se encontram, algo acontece. Um acontecimento, como diz Michel Pêcheux (2015b), é o ponto exato em que uma atualidade se encosta numa memória. É nesse instante que a leitura se torna irrepetível. Porque nunca se lê do mesmo lugar, com os mesmos olhos, com as mesmas lembranças. Quando o presente de leitura muda, os sentidos que nascem são outros.

Ao propor “ler levantando a cabeça” como metáfora, estamos numa tentativa de reconhecer que a leitura é mais do que decifrar palavras. É experiência. É o leitor que, ao entregar-se à narrativa, reencontra algo que viveu, algo que parecia adormecido, mas que, de repente, retorna se entrelaçando ao texto. E por isso o mesmo texto nunca é, de fato, o mesmo. O tempo muda quem lê. Como lembra Orlandi (2008), há leituras que só são possíveis em certas épocas, e outras que só poderão existir no futuro. Não é apenas o texto que se transforma, é o leitor que passa a vê-lo de outro ângulo, a partir de outra margem.

Durante a leitura, há deslocamentos. Pequenos desvios que tiram o leitor da trilha reta da narrativa, mas não a rompem. Pelo contrário, esses desvios parecem conduzi-lo a uma relação mais profunda com o texto. É nesse intervalo, nesse espaço breve onde o silêncio se encaixa, que a experiência começa a se insinuar. E, pouco a pouco, se revela.

De acordo com Barthes (2004, p. 29), “ler é fazer nosso corpo trabalhar”. Mas é um trabalho que não se mede em esforço físico. É outra coisa, é escavar sentidos. O leitor caminha pelas frases, sim, mas também pelos rastros que carrega. O passado se infiltra no presente, e se mistura. Ler, então, é também lembrar. E há momentos em que a lembrança chega sem pedir licença.

É por isso que propomos pensar a leitura literária como um gesto de “ler lembrando”. Uma leitura que reacende experiências, convoca outras vozes, faz emergir sentidos que antes estavam adormecidos. Um gesto que conduz o leitor por entre tempos e memórias. E, nesse vaivém, o sentido não se fixa. Os sentidos são ressignificados nesse intervalo entre o familiar e a novidade.

Walter Benjamin (1985) nos dá uma imagem bonita e precisa: a memória como um relampejo. Ela não avisa quando vem. Ela surge, breve, cortante, iluminando um canto da

lembrança que estava na sombra. Nas palavras do autor: “Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido” (Benjamin, 1985, p. 223). E talvez seja a literatura o terreno mais fértil para esse reencontro.

O relampejo de que fala Benjamin é esse instante fugaz em que a memória se acende no meio da leitura. Uma frase e até mesmo uma pausa, qualquer detalhe pode abrir a fresta. E então, de repente, algo retorna. Mas não volta do mesmo jeito. A lembrança, tocada pela luz do presente, se transforma. O texto se torna, então, um espaço onde o leitor reinscreve sua própria história, feita de sentidos que ainda estão em trânsito.

### *Lendo entre memórias: da rememoração à reminiscência*

Quando adentramos as páginas de um texto literário, as associações vêm sem aviso, como quem abre uma janela e, sem querer, deixa o vento invadir. Basta um trecho, uma imagem, uma frase carregada de sentido, e pronto, lá estamos nós, reencontrando experiências guardadas, coisas que pareciam esquecidas, mas que estavam apenas em silêncio. Nesse gesto de resgatar o que já foi vivido ou lido, a memória se impõe. Senta-se ao nosso lado. Nos provoca.

À medida que avançamos pelas linhas de uma narrativa, certas passagens despertam ecos que ajudaram a desenhar o nosso caminho como leitores. É nesse instante, o de “ler levantando a cabeça”, que a leitura se transforma. O presente do texto se enlaça com reminiscências e reconhecimentos, e a leitura se abre para encontros, onde tempo e memória se dão as mãos.

No entanto, esses afluxos não chegam sempre do mesmo modo. A rememoração, ou reconhecimento, vem quando o leitor, com nitidez, identifica uma referência intertextual ou uma alusão direta, algo que estava ali, e que ele já conhece de outro tempo. A reminiscência, por sua vez, não pede licença. Ela irrompe. Uma lembrança qualquer toma forma no meio da leitura. E, não importa por onde venha, quando a memória se acende, desloca o leitor, aparta-o momentaneamente do texto. E nesse deslocamento, alguma coisa se transforma. Os sentidos emergem.

Antes de seguirmos, é necessário apresentarmos a distinção entre rememoração e reminiscência. Walter Benjamin, em diversos de seus textos, dedica-se à reflexão sobre a memória, e é a partir de seus escritos que propomos a distinção entre as formas pelas quais a memória pode emergir durante a leitura. Tomamos como principal referência o ensaio “O contador de histórias” (ou, em algumas traduções “O narrador”), no qual o autor explora os modos como a experiência se inscreve na narrativa e na tradição oral.

Para Benjamin (2018), a rememoração refere-se ao reconhecimento, ou seja, à recuperação voluntária de algo que já foi vivido ou conhecido. Trata-se de um resgate consciente, que se relaciona diretamente ao repertório do leitor, seja cultural, social ou literário. Já a reminiscência diz respeito a uma lembrança que irrompe de maneira súbita. Um lampejo que pode ser disparado por um trecho da narrativa, mas que conduz o leitor a um episódio pessoal, ou seja, não necessariamente será uma memória literária. É o caso, por exemplo, de um trecho que evoca, de forma inesperada, a um momento da infância.

Para tornar essa distinção mais palpável, podemos olhar para a narrativa *Ana Z., aonde vai você?*, de Marina Colasanti, onde o reconhecimento aparece com nitidez em determinadas passagens que ecoam contos clássicos. Veja, por exemplo:

a) “Estávamos no ponto em que o lobo vai engolir a vovó de Chapeuzinho” (Colasanti, 2007, p. 36).

b) “E o menino da história de Ana vem a ser aquele mesmo que, em outra história bem mais antiga, planta um grão de feijão e quando o pé nasce sobe por ele até as nuvens” (Colasanti, 2007, p. 39).

Os trechos acima não disfarçam a origem. Remetem diretamente a *Chapeuzinho Vermelho e João e o Pé de Feijão*, convocando a memória literária do leitor e inserindo a história de Ana Z. numa rede de textos que já circulam pelo imaginário coletivo. O reconhecimento, aqui, funciona como uma chave que abre portas para outras leituras guardadas na memória. Como afirma Orlandi (2007), todo texto carrega marcas de discursos anteriores, e o leitor, ao ativar essas marcas, reconhece o que lê. Porque a leitura, assim como a memória, nunca chega sozinha.

Há vezes em que as referências não se anunciam com clareza. Chegam de mansinho, entre uma linha e outra, e exigem do leitor não só certa familiaridade literária, mas também uma escuta atenta ao que o texto sussurra. No trecho “Será que tem pressa de chegar a algum lugar?” (Colasanti, 2007, p. 12), não há menção direta. Ainda assim, para quem já percorreu os caminhos de *Alice no País das Maravilhas*, é difícil não escutar o passo apressado do Coelho Branco atravessando a frase. Entretanto, esse tipo de reconhecimento não é garantido. Por que ele depende do repertório do leitor, da sua sensibilidade diante do que se insinua, mas não se mostra por completo.

Nesse sentido, Orlandi (2008, p. 10) aponta: “considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está aqui e que também está significando”. Ou seja, a leitura acontece nesse espaço de entrelinhas, entre o que se mostra nitidamente e o que se esconde. Entre sugestões e vestígios. E é nesse intervalo que o leitor “coloca o corpo para trabalhar”, seguindo pistas e pescando sentidos que o texto sugere.

O reconhecimento, ou rememoração, nessa perspectiva, se baseia na ativação de memórias já disponíveis. O leitor vê um personagem, uma situação, uma estrutura, e algo nele responde, algo o movimenta. É como se uma lembrança acenasse para ele. Ele cria conexões com outras leituras e, assim, reinterpreta o que tem diante dos olhos. Foster (2010) diz que ler intertextualmente é como participar de uma conversa em que o autor convida velhos conhecidos para o diálogo e o leitor reconhece algo de familiar.

Mas há uma outra forma de memória em jogo, mais esquiwa, mais imprevisível. A reminiscência não obedece a comandos. Ela se deixa levar por uma palavra ou uma imagem que aciona algo antigo, e que irrompe no presente da leitura. Surge como lampejo. Não houve intenção. Houve acontecimento.

Diferente do reconhecimento, que nasce daquilo que já se conhece, a reminiscência surge do acaso. E é justamente esse acaso que faz da leitura um território sempre novo, sempre aberto ao inesperado. Para exemplificar essa forma de manifestação da memória, trazemos uma experiência pessoal. Durante a leitura de *Ana Z., aonde vai você?*, muitas memórias literárias associadas à rememoração foram evocadas. No entanto, houve também momentos em que as memórias despertadas não se vinculavam a algo recuperável e consciente, ligadas a referências coletivas, por exemplo. Emergiram memórias singulares da experiência leitora.

Ao nos depararmos com o seguinte trecho: “Você só olha com os olhos! — agora quem está indignada é a mulher, como se Ana estivesse desfazendo do seu mundo (Colasanti, 2007, p. 64), a frase “você só olha com os olhos” surgiu como um lampejo, nos levou a outra narrativa que também questiona os limites do olhar: *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Ao encontrar esse trecho na obra de Colasanti, experimentamos um deslocamento súbito, saímos momentaneamente da leitura de Ana Z. para visitar uma leitura de outrora. Ainda que por um breve instante, revivemos, à luz do presente, uma leitura do passado.

Assim sendo, se o reconhecimento se ancora na recuperação do que já se conhece, a reminiscência acontece por outro caminho. Ela não repete. Reencontra. E, nesse reencontro, não devolve o que foi esquecido tal como era, mas o reconfigura. A leitura, então, deixa de ser

um trajeto rumo ao sentido e se torna espaço de irrupção. É nesse ponto que a afirmação de Petri e Scherer (2016, p. 26) faz sentido para nossa análise: “a memória nos diz, simplesmente: ‘Você não está só!’”. Em outras palavras, mesmo quando tudo parece silêncio, apenas o leitor e o texto, há presenças que rodeiam o ato de ler. Fragmentos de outras leituras ou imagens guardadas, que voltam. Ressonâncias que moldam o que lemos e como lemos.

Como lembram Petri e Scherer (2016, p. 28), esse movimento não é estático, trata-se de um “processo de ressignificação que nunca se acaba”. A memória, ao ser acionada, não devolve o passado tal como foi. Ela o atravessa. E, nesse atravessamento, transforma tanto o texto quanto o leitor. Petri (2004, p. 17-18) afirma que a literatura, enquanto discurso, estabelece pontes entre o velho e o novo. Ela resgata memórias, mas ao mesmo tempo as tensiona, as desloca. Em suas palavras:

A literatura, enquanto discurso, estabelece as necessárias relações entre o velho e o novo, resgatando, portanto, fatos de memória e, ao mesmo tempo, gerando estranhamentos. A produção dos efeitos de sentidos depende desse jogo entre o velho e o novo. Os interlocutores partem de algo reconhecível, um referencial que pode desencadear um processo de identificação (Petri, 2004, p. 17-18).

É nesse jogo, entre o que nos soa familiar e o que ainda nos inquieta e surpreende, que a leitura ganha vida nova. É nesse vaivém que a literatura se escreve como experiência, como um espaço onde o passado retorna com outros contornos.

O texto literário, então, se revela como um espaço de reconhecimento e de reminiscência. No reconhecimento, o leitor encontra apoio, um chão firme que já conhece. Na reminiscência, é convocado a atravessar, levado por lembranças que chegam sem aviso. Ambas as experiências se inscrevem no que Michel Pêcheux (2015a) chama de interdiscurso: esse lugar onde os sentidos já circulam, mas só ganham corpo quando são ativados por uma nova configuração discursiva.

Quando incorporamos a noção de memória discursiva, proposta por Pêcheux (2015a), essa compreensão pode ainda ser ampliada. Considerando essa perspectiva, entendemos que o sentido não brota do vazio. Ele emerge do atrito entre o que já foi dito e o que agora se formula, entre os ecos que retornam e o que agora aparece reinscrito. Como lembra o autor, “o não-dito da sequência [...] remete a um já-dito, ao dito em outro lugar” (Pêcheux, 2015a, p. 146). Isso quer dizer que nenhum enunciado caminha só, ele carrega consigo o rastro de muitos outros.

O interdiscurso, como aponta Pêcheux (2015b, p. 56), permite uma “desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos”. E a leitura se inscreve nesse movimento. Ao ler, o sujeito ativa sentidos, convoca memórias, costura significados que nem sempre estavam evidentes. Um texto chama outros. Um enunciado se põe em diálogo com muitos. E, como o autor afirma, “um enunciado sempre revela um pouco mais sobre seu significado” (Pêcheux, 2015a, p. 103) no contato com outros. Há sempre algo que escapa e algo que se reinscreve. Ao pensarmos a leitura literária a partir da rememoração e da reminiscência, percebemos que todo texto convoca outros. Todo leitor carrega consigo histórias que deslocam os sentidos em jogo.

E assim, depois de tudo o que nos atravessou até aqui, voltamos ao gesto que inaugurou esta travessia. É no ato de “ler levantando a cabeça” que leitura e memória se entrelaçam. Ali, naquele instante breve de suspensão, passado e presente se tocam. Familiaridade e surpresa dividem o mesmo espaço. E a leitura se revela como encontro entre memória e atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos compreender a leitura literária como uma experiência atravessada pela memória, como um fio que costura tempos distintos e reconfigura sentidos a cada novo encontro com o texto. A metáfora “ler levantando a cabeça”, proposta por Barthes como um gesto de pausa que desloca o leitor durante a leitura, nos acompanhou. É nesse desvio que o texto toca a memória discursiva do leitor, suas vivências, suas leituras anteriores, as marcas de mundo que o compõem.

Ao longo do percurso, identificamos dois modos pelos quais a memória se manifesta na leitura: o reconhecimento, quando o leitor percebe, com clareza, algo que já conhece, uma referência, um personagem etc.; e a reminiscência, que se dá como surpresa, lampejo, uma lembrança que retorna sem aviso. A partir dessa distinção, recuperamos a imagem do relampejo em Walter Benjamin (1985), para mostrar que uma memória que não se impõe, mas aparece de forma súbita, e que, ao iluminar brevemente o presente da leitura, o transforma.

Com isso, percebemos que a leitura não segue linha reta. Ela tropeça, retorna, se refaz. Pausas, desvios, ecos e tudo aquilo que foge ao controle racional, também fazem parte do gesto de ler. A memória, nesse processo, reescreve o passado à luz do agora. E a leitura se torna esse lugar onde algo vivido volta, transformado.

Ao pensarmos a leitura dentro da proposição deste artigo, entendemos que o gesto de “ler levantando a cabeça” é constitutivo da própria leitura e manifesta-se nos momentos em que a leitura se intensifica, quando a memória do leitor entra em cena. Nesses instantes de desvio, a leitura torna-se experiência de encontro entre o presente de leitura e o passado do leitor. Abre-se espaço para pensar a leitura literária, seja no âmbito da fruição ou do ensino, como um gesto atravessado pela memória, de modo que cada leitura carrega algo de singular, pois há, nesse encontro entre texto e leitor, um movimento que não se repete, já que nunca se lê do mesmo lugar.

Entendemos que esse modo de compreender a leitura dá espaço para o leitor e para aquilo que ele traz consigo durante a leitura, na medida em que se considera que o sentido não está apenas no texto, mas emerge da relação que com ele se estabelece, do encontro entre o texto e tudo aquilo que constitui o leitor, como suas memórias, experiências e trajetórias de leitura.

Ressaltamos que nosso intuito não é afirmar essa perspectiva como superior às demais, mas apresentá-la como uma possibilidade, entre tantas outras, de compreender a leitura literária.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. São Paulo: Hedra, 2018.

COLASANTI, Marina. **Ana Z., aonde vai você?**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

FOSTER, Thomas C. **Para ler literatura como um professor: um guia ágil e curioso que ensina a ler nas entrelinhas**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

- LINK, Daniel. **Como se lê e outras intervenções críticas**. Chapecó: Argos, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ORLANDI, Eni. Puccinelli. **Interpretação**. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.
- PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- PETRI, Verli; SCHERER, Amanda Eloína. Memória e subjetividade: de um tempo para lembrar. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 21–29, jan./jun. 2016.

RECEBIDO EM: 04/06/2025 | ACEITO EM: 01/12/2025